

O EPISÓDIO DO SANTA MARIA

Este rumoroso episódio teve uma repercussão invulgar na opinião pública mundial principalmente por ter representado um valioso elemento noticioso, por suas características sensacionalistas de notável ineditismo, explorado como era de esperar, por todos os veículos de informação, hoje tão diversos, numerosos e tecnicamente eficientes.

Não podia causar estranheza que isso acontecesse, visto ser essa a função precípua da indústria da informação.

Entretanto, esse acontecimento apresenta um outro aspecto de alta significação — o seu conteúdo social — justamente o que nos interessa e merece ocupar, embora sinteticamente, o limitado espaço deste nosso jornal.

Esse conteúdo social resulta do exame das causas determinantes desse brilhante episódio, bem como dos objetivos que animaram a audaciosa empreitada de seus promotores e, ainda, dos efeitos que, examinados em profundidade, ele poderia determinar.

Percebe-se desde logo não ser possível examinar o acontecimento com a amplitude correspondente a um esquema de tal alcance, como o que acima foi enunciado.

Cingir-nos-emos a algumas considerações que nos parecem necessárias.

Inegavelmente, os participantes da "Operação Dulcinéia" — designação de sabor literário dada a uma ação social — praticaram um ato capaz de não deixar de despertar, não apenas curiosidade, mas simpatia e solidariedade.

De fato, não deixa de causar admiração o ato de um grupo de homens, abandonando as suas atividades comuns, deixando noivas, mulheres e filhos, parentes e amigos, e, precariamente aparelhados, em virtude de seus poucos recursos, vencendo mil dificuldades, tomarem conta de um grande navio ocupado por centenas de pessoas, como uma ação de rebeldia contra os regimes de tirania dominantes na Península Ibérica.

É fácil imaginar ao que eles se expunham: encontrarem resistência, serem dominados e presos, e depois entregues aos ditadores de seus países para a morte certa, ou então, serem feridos e perderem a vida.

Tornou-se igualmente objeto de admiração a maneira correta desses homens, a segurança com que prepararam e executaram seu plano, a conduta humana e solidarista com que se conduziram durante toda a duração da operação famosa.

Por que esses homens se lançaram numa empreitada perigosa? Pela sensação vazia de simples aventura?

Nada autoriza a julgar assim. Não se abandona o ambiente da vida comum, deixando entes queridos, por simples espírito de aventura.

Por intuítos interesseiros? Que poderiam ganhar de lucrativo com essa arriscada ação?

E, então, por que assumiram tão perigosa atitude?

Entraria aqui uma explanação das causas presentes e remotas que animaram esses homens — como animam a milhares de outras criaturas, alentadas pelas mesmas determinantes.

Precisaria, acaso, descrever o que se passa na Espanha e em Portugal? Todo o povo da Ibéria está sujeito à mais odiosa, à mais infame, à mais criminosa das tiranias. As prisões estão repletas de pessoas cuja culpa é apenas desejar a liberdade e a felicidade para todos.

Centenas e centenas de criaturas têm sido submetidas a martírios e assassinatos friamente.

Pelo mundo afora peregrinam milhares de outras criaturas que conseguiram escapar a essas tiranias.

Essa a causa determinante do episódio do Santa Maria, como tem sido de mil outros atos, muitos que não tiveram a repercussão da publicidade, praticados com igual finalidade: pôr fim à tirania a que estão sujeitos os povos da Ibéria.

Um desses objetivos — pois é de supor que tivessem outros — foi alcançado plenamente: sacudir, despertar a opinião pública mundial, gradativamente dominada pela tendência conformista que chega a admitir a inanimidade de ação contra a tirania. O episódio do Santa Maria fez convergir todas as atenções para as tiranias dominantes na Ibéria. Negar que isso foi conseguido seria praticar uma injustiça.

É esse mérito não pode ser negado aos homens da Operação Dulcinéia.

Não se pode negar que o impacto desse acontecimento teve um efeito de toque de alerta, que é um convite à luta.

Conclui-se, portanto, que o episódio do Santa Maria teve resultado favorável e que os homens que o praticaram merecem as demonstrações de simpatia e solidariedade que despertaram.

Que ideais os animam? Neste caso, não importa saber. Praticaram uma ação contra a tirania e em prol da liberdade dos povos oprimidos, e tanto basta para merecer o acolhimento de quem, como eles, aspira acabar com os regimes de tirania.

Esse é nosso parecer, é assim que apreciamos a "Operação Dulcinéia" do Santa Liberdade, como um episódio do grande

SOPA DE VASSOURA...

O símbolo político do sr. Jânio Quadros, nas campanhas eleitorais, era uma vassoura, como todos sabem. E a vassoura tornou-se motivo de pilhéria quando a onda de aumentos dos artigos de primeira necessidade elevou ao dobro o custo da vida, já elevado ao máximo do que o povo podia suportar.

Logo após conhecidas a reforma cambial e as consequências de seus efeitos sobre a economia do povo, a indignação tomou conta das conversas de rua, nos locais de trabalho e nos meios de transporte. Ouvimos num ônibus, em meio a acalorada discussão em torno das medidas governamentais, um operário comentar com azedume: — "Bem, agora vamos comer sopa de vassoura"!...

Como sempre, o pária, o proletário, o homem do batente que labuta no comércio, nos transportes, nas fábricas e oficinas, é que tem de se afundar no mar de lama formado pela sujeira dos políticos. É o povo que tem de pagar as bandalheiras e orgias das escolas de samba governamentais onde se dança ao ritmo dos bilhões arrancados à miséria dos trabalhadores.

No chafurdar de consciências envilecidas pela prática de assaltos contra o direito que tem o povo de matar a fome, surgem à tona do mar de lama da política nomes de figurões a quem o povo havia confiado postos de mando e poder, iludido pelo canto de sereia dos catadores de votos. Senadores, deputados, ex-governadores, tubarões da indústria e das finanças ocupam lugar, no noticiário da imprensa, ao lado de salteadores e ladrões, de especuladores e trapaceiros.

Os escândalos do contrabando, das apropriações indébitas e desvios de dinheiros destinados à assistência; as vendas de vastas extensões de terras, no Paraná, pertencentes à coletividade brasileira, porque eram terras devolutas, delas sendo despejados os posseiros, que as detinham como usufruto, por todas as formas de violência; desvio de mercadorias destinadas aos flagelados e compras "fantasmas" em que se empregaram milhões que foram parar às bolsas recheadas e desonestas de altos funcionários das autarquias, tudo isso foi revelado ao se remexer o montu-

ro da podridão política que atinge proporções inacreditáveis.

Aproveitando privilégios de uma política artificial de importação, segundo a qual, metade das compras feitas no exterior à base do dólar eram pagas pelo povo, porque o governo entrava com 50% no custo do dólar para as importações, os magnatas importavam automóveis de luxo, cigarros americanos, whiskey escossês, perfumes da França, jóias e artigos de tocador destinados às senhoras e senhoritas da alta roda, conjuntamente com artigos destinados à indústria e à alimentação aos quais se destinavam os benefícios dessa política cambial.

Quando agora o sr. Jânio Quadros pretendeu dar um golpe de morte nessa política de privilégios escandalosos, decretando a reforma cambial pela resolução 204 da SUMOC, os privilegiados responderam como sempre: elevaram ao dobro o custo não só dos artigos atingidos pela reforma, mas de todas as utilidades e artigos indispensáveis à alimentação. E em vez de se prenderem os ladrões, os trapaceiros, os especuladores, os fabricantes de miséria, diz-se ao povo que se sacrifique para pagar as dívidas externas do país, que aperte os cintos na barriga vazia, que deixe os filhos morrer à míngua de recursos e bata palmas às medidas governamentais que o reduzem à última expressão de penúria e sofrimento!

E aqui vem a propósito mais uma dessas pilhérias em que a imaginação popular é fértil. Comentando a fala governamental a propósito dessa medida, em que acenava com remotos benefícios para o futuro, um homem do povo rematava: — É a mesma coisa que eu plantar um capinzal e dizer ao meu burro esfomeado: aguenta burro, quando esse capim crescer encherás a barriga!...

A vassoura é, sem dúvida, um belo símbolo; mas nas mãos das classes trabalhadoras, do povo faminto e sofrido para varrer da face da terra todos os ladrões, contrabandistas, salteadores e trapaceiros, eliminando as causas que o tornam infeliz e o escravizam às conveniências do capitalismo — o Estado, substituindo-o por uma organização de federações livres baseadas no socialismo libertário.

SOUZA PASSOS

movimento que se vem sustentando na Ibéria há dezenas de anos, que culminou na revolução de 1936-1939, e que continua a ser sustentada com igual acerto, decisão e persistência fora e no interior da Ibéria, onde os elementos da C.N.T. e da F.A.I. têm dado demonstrações de sua consciência revolucionária. O episódio do Santa Maria não foi uma ação isolada de uma organização que se queira sobrepôr aos que já vêm lutando há dezenas de anos em prol da liberdade. É mais um episódio da grande batalha que ainda não chegou ao fim e que um dia — que não estará longe — há de libertar a Ibéria de toda a esterqueira lá imperante para estabelecer um regime de bem-estar e liberdade para todos.

EDGARD LEUENROTH

Movimento Mundial do Anarquismo

NA VENEZUELA — Como se sabe, os elementos revolucionários espanhóis pertencentes aos quadros da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) no exílio, estabeleceram-se em várias partes do mundo, escolhendo, como era natural, os países em que a liberdade não está totalmente impedida de se manifestar. Assim é que, uma parte considerável desses elementos se fixou na Venezuela, onde se realizou, em Dezembro p. passado, uma reunião visando a unificação de todos os aderentes da gloriosa organização do proletariado ibérico.

É necessário explicar, para justificar-se a reunião realizada em Caracas, que há quinze anos se estabelecera uma divergência sobre os métodos e táticas da CNT, constituindo a reunião de Caracas o fim dessas divergências, dela resultando a unidade completa de pontos de vista.

Assistiram a essa reunião mais de seiscentos militantes, que, após calorosos debates, chegaram a um acordo unânime de que a partir da data citada estaria realizada a UNIDADE CONFEDERAL, como uma única orientada e sob a coordenação geral de um secretariado que reúne os mil e trezentos cenetistas que se fixaram na Venezuela.

Segundo a notícia divulgada pela "C. N. T.", que se edita em Toulouse, na França, sob a direção de Frederica Montseny, prevaleceu o critério de que a C. N. T. somente pode ser coerente consigo mesma, ratificando os princípios, táticas e finalidades que lhes deram vida e sob cujas normas chegou a ser a força mais poderosa em Espanha desde 1910.

NA FRANÇA — "CNT" notícia a realização de uma festa em Mutluçon, caracteristicamente espanhola, na qual tomaram parte elementos de várias agrupações artísticas e conjuntos musicais diversos. Essa festa teve, ao que nos parece, o patrocínio e iniciativa da C. N. T. e S. I. A. (Solidariedade Internacional Antifascista), e foi coroada de êxito, cheia de episódios curiosos na sua realização.

O órgão da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha no exílio nos dá notícia também da realização de uma festa da criança (Fiesta Del Niño) realizada a 2 de janeiro do corrente ano, promovida pela S. I. A., na qual tomaram parte numerosas jovens companheiras com recitativos e canções infantís, além da atuação da **Troupe des Jeunes Comédiens**, com a representação da peça "L'Anglais tel qu'on le parle" e números de dança clássica por jovens companheiras alunas da Escola de Mdme. Sabatier.

NO URUGUAI — Em comemoração à data histórica de 19 de Julho de 1936, quando o povo espanhol deu ao mundo uma demonstração de heroísmo e capacidade organizadora iniciando na Espanha os primórdios de uma nova era para a humanida-

de — o comunismo libertário, — a **Federación Obrera Regional Uruguaya (F.O.R.U.)** fez realizar um magnífico ato de reivindicação justiceira, salientando a importância do movimento revolucionário espanhol no preparo de militantes anarquistas.

O órgão anarquista "Solidariedad", que já conta 37 anos de existência, publica farta matéria doutrinária assinada por destacados nomes de idealistas e militantes libertários. O número que temos à vista contém 16 páginas, impresso a duas cores e correspondente ao mês de novembro do ano p. passado. A página central, numa combinação cuidadosa de duas páginas, é dedicada a Francisco Ferrer, Ricardo Flores Magon e Eugen Relgis, com colaborações de Pascual Minotti, Angel Falco e Volga Marcos.

NO MEXICO — "Tierra y Libertad" correspondente ao mês de novembro de 1960, entre outras notícias de grande atualidade para o movimento anarquista, noticia a fundação, na Cidade do México, da **Agrupación pro-Memória de Ricardo Flores Magon**. Tem esta associação como principal finalidade reivindicar a personalidade revolucionária de Ricardo Flores Magon em face dos ataques injustos de seus caluniadores com relação ao episódio de Baixa Califórnia, acerca do qual se pretendia atribuir ao grande poeta mexicano da liberdade intenções separatistas.

Os seus membros estão de posse de documentação histórica que pretendem tornar pública em atos de esclarecimento por meio de conferências e através da imprensa, no sentido de ser lembrada a obra do dedicado precursor da revolução mexicana de 1910.

Pela "Nossa Chácara"

O piquenique do dia 5 de março promovido pela "Nossa Chácara", marcou mais um dia de confraternização e sociabilidade que corresponde plenamente aos propósitos educativos e de superação humana propugnados por essa agremiação.

Foi um dia de esplendor e alegria juvenil, regorgitante de vida e estuante de idealismo e esperança.

Centenas de jovens, de companheiros e companheiras de todas as idades, saturados da opressão e do cansaço que causa a vida turbulenta das cidades modernas, procuraram no ambiente libérrimo de "Nossa Chácara" o oxigênio límpido e puro para reabastecer as energias físicas e morais que se consomem na luta inglória pelo pão de cada dia.

Houve jogos, cantos, teatro, baile e alegria, muita alegria, respeito e camaradagem.

Que êsses inesquecíveis dias se repitam, sempre, são os nossos desejos.

Literatura Libertária

O momento de inquietude, provocado pelos acontecimentos sociais que agitam o mundo, torna necessário divulgar a literatura libertária do Brasil, onde escasseia.

Com o fim de contribuir para a divulgação dos princípios anarquistas, está sendo ultimada a preparação de obras desse carácter — "PROBLEMAS DA QUESTÃO SOCIAL — A Solução Anarquista" — cuja impressão está sendo providenciada por uma organização editorial constituída em São Paulo.

Também está sendo ultimado o trabalho do companheiro Edgard Leuenroth. — "ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social", volumoso livro no qual o anarquismo é examinado sobre os aspectos doutrinários, críticos, históricos e informativos.

"Atualidade do Anarquismo"

Há um engano a retificar quanto à autoria deste artigo, publicado no n.º 1 de "O Libertário":

Esse excelente e oportuno trabalho foi traduzido de "Tierra y Libertad", do México, pelo companheiro Edgard Leuenroth para o livro "Anarquismo — Roteiro da Libertação Social", cuja publicação está sendo ultimada. Seu nome, como autor do trabalho, foi incluído por equívoco.

Centro de Cultura Social

Fundado, em São Paulo, em 1933 e reconstituído em 1945, após o interregno ditatorial, o Centro de Cultura Social prossegue ininterruptamente em sua atividade na divulgação de conhecimentos culturais entre os elementos populares.

Em sua sede, situada à rua Rubino de Oliveira, 85, no bairro do Brás, são promovidas conferências, todos os sábados, com início às 20,30 horas, sobre os mais diversos temas, como sejam ciência, arte, sociologia, filosofia, ensino, problemas da atualidade, etc., constituindo mesa de livre exame, por onde têm passado figuras de destaque em todos os campos de atividades.

A freqüência a essas conferências, é franca, independente de convites especiais.

C. de Estudos José Otílica

Esta agremiação do Rio de Janeiro, com sede à Avenida Almirante Barroso n.º 6, realiza todas as semanas conferências sobre problemas em evidência, tendo como oradores elementos de destaque nos meios culturais daquela Capital.

JUVENTUDE LIBERTÁRIA

Renova-se em São Paulo a iniciativa que tem por finalidade tornar efetiva a existência de uma agremiação destinada a coordenar as atividades dos jovens de ambos os sexos em favor do movimento anarquista.

Já se têm realizado reuniões com êsse fim.

SONHANDO...

BEZERRA DACUNHA

Sonho um Mundo-Sonhador.
Um Mundo cheio de sonho...
Onde não chegue o pavor
Do Mundo-velho tristonho.

Eu sonho um Mundo-Fulgor...
Pois êste Mundo-tristonho
Cresta a Idéia... Mata o Sonho...
Leva o Prazer... Traz a Dor...

Sonho um Mundo-Multicolor...
Mundo-Solidariedade,
Sem essa Rivalidade
De Raça, de Crença, e Côr.

Sonho um Mundo-Acolhedor...
Um Mundo sério e risonho...
Onde não chegue o medonho
Predomínio do Terror...

Eu sonho um Mundo onde a Dor
Se afaste da Humanidade,
Dada a generalidade
Da adoção da Lei do Amor!

Eu sonho um Mundo-Labor
Que dispense a Caridade,
Pois onde existe Equidade
Não tem acesso o Favor!

Eu sonho um Mundo-Valor,
Onde não falte... nem sobre...
Sem haver rico e nem pobre,
Sem escravo e nem Senhor!

Eu sonho um Mundo-Primor,
De permanente alegria...
Em meio à supremacia
Da Cultura e do Labor!

Sonho um Mundo-Encantador...
Mundo de um Modelo Novo,
— Os seus Povos — um só POVO
— Uma só Lei — a do AMOR!

Enfim, um Mundo-Incomum...
Sem Rixas e sem Engodos...
No qual — Um seja por Todos
E Todos — sejam por Um!...

São Paulo, 1961

Nossa Arte Teatral

O Centro de Cultura Social tem agora dois agrupamentos teatrais. Um deles de idioma castelhano, homogêneo e muito bem afinado, realizou ainda há pouco um excelente espetáculo, pondo em cena uma brilhante obra do consagrado teatrólogo espanhol Alejandro Casona, cujo título sugestivo dá uma idéia da beleza poética do texto: — "ÉS PROIBIDO SUICIDARSE EN PRIMAVERA".

Foi um festival muito alegre onde pontificou a juventude.

No dia 15 de Abril próximo passado, realizou-se mais um belíssimo e concorrido festival, desta feita em homenagem ao 16.º aniversário da fundação do grupo de teatro do Centro de Cultura Social.

Foi uma noite de arte e encantamento na qual se reencontraram velhos amigos e companheiros e que reuniu, novamente, aquelas famílias que há tempo não se notavam em nossos festivais.

Os componentes do grupo recentemente reorganizado, se houveram bem na interpretação da sempre emocionante peça de Dario Nicodemi intitulada: A SOMBRA.

Fazemos votos que o nosso teatro continue com o mesmo ânimo e entusiasmo com que se reiniciou.

CANTINHO DA JUVENTUDE

Dos jovens de ontem para os jovens de hoje

A preocupação maior que existe em todos os meios socialistas, é a falta de militantes na juventude. Porque os jovens de hoje não atendem às repetidas chamadas das diversas organizações socialistas? Por que os jovens de ontem acudiam com mais freqüência? Estas perguntas estão em todos os lábios dos velhos militantes, uns decepcionados, outros preocupados, mas todos, com justificada razão, procuram as causas e motivos que justifiquem ou desculpem a geração atual de sua falta de comparecimento. Mas a realidade, a triste realidade, é que nos convertemos em parasitas da liberdade, estamos desfrutando de algo que nada fizemos para merecer, algo que devemos precisamente aos jovens de ontem, hoje preocupados com nossa falta de senso de responsabilidade e pelo porvir dos meninos de amanhã.

Sim, essa juventude passada, tão generosa, tão despreendida de si mesma, além de nos preparar o terreno para o presente, todavia se preocupa com nossos filhos, nossos irmãos, e ainda encontra forças, ao fim da existência, depois de um passado glorioso de lutas contra a exploração, contra a opressão e a miséria, das quais saiu quase sempre vencedora, depois de tudo isso, como digo, com seu despreendimento generoso, nos dão uma lição de hombridade moral e de vergonha para nós, continuando uma luta que só competia à juventude atual.

E como responde esta juventude? Egoisticamente, enchendo campos de futebol, salões de baile, cinemas, ocorrendo, enfim, a todas as mistificações do capitalismo e do Estado para desviar-nos dos lugares aos quais cabia concorrer. Anuncia-se uma conferência, um ato de defesa dos mais elementares direitos da liberdade humana, uma ação de reivindicações operárias, e somente vemos caras cansadas, caras de ontem, velhos companheiros extenuados pelas refregas sem fim do passado, com a decepção estampada no semblante por não sentirem perto deles o apoio moral dos jovens de hoje, preocupados por ver que ao apagar-se a antorcha de suas vidas não haverá ninguém que empunhe a bandeira do ideal para continuar a luta, tornando-se estéril todo o seu sacrifício.

E aí lhes vem a amarga decepção, a vontade de chorar de raiva por não serem ainda jovens, outra vez moços, com os corpos cheios de vitalidade para continuarem a luta por nós, com esse despreendimento que caracteriza os sentimentos nobres e puros; e nós, os que devíamos ocupar os lugares que vão ficando vazios, onde estamos? Se ainda nos resta um átomo de dignidade e um pouco de vergonha, não sejamos parasitas do pior dos crimes, parasitas da li-

Normas Sociais do Ideal Anarquista

A sociedade atual está dividida em duas classes principais: a dos poucos que possuem hereditariamente a terra e toda a riqueza social, e a da grande massa, privada dos instrumentos de trabalho e da terra, e obrigada por esse motivo a deixar-se roubar e oprimir pelos proprietários. Os explorados são forçados a abandonar a maior parte do produto do seu trabalho e vêem muito reduzida a sua possibilidade de adquirir, bem inferior às suas necessidades reais. E como a produção é regulada pelo capitalista, que só quer vender e lucrar e não satisfazer as necessidades de todos, só se produz enquanto há lucro, enquanto o mercado pode comprar, embora os consumidores precisem de muito mais. O proprietário tem interesse em rarear ou açambarcar o produto para o encarecer.

Assim é que, havendo disponíveis e inativas máquinas e matérias-primas para todas as espécies de produções, materiais de construção, terras incultas, etc., não são aproveitadas essas forças produtivas, esses capitais verdadeiros (o dinheiro é apenas um sinal), porque os proprietários não têm nisso interesse, embora sobre populações privadas do necessário e centenas de milhares de trabalhadores busquem trabalho!

Desta situação resulta a miséria com os seus derivados (ignorância, falta de higiene, depauperamento físico, encurtamento da vida e enorme mortandade infantil nas classes pobres, crimes, depressão moral, prostituição), bem como a perversão dos sentimentos, os vícios e os desequilíbrios provenientes da ociosidade, do espírito de dominação e de casta, do desempenho de funções inúteis ou nocivas.

Tal estado de coisas, efeito do privilégio econômico, é mantido e legalizado pelo Estado, isto é, por um conjunto de instituições governamentais: parlamento, ministérios, burocracia, magistratura, polícia, exército, etc. O Estado (ou governo), que consome sem nada produzir, além de ser representante e defensor da classe capitalista, trata sempre de consolidar e melhorar a sua própria posição, para o que busca apoio num partido, distribuindo favores, benesses, privilégios, vantagens, lugares e honrarias e gastando nisto e na repressão dos descontentes e revoltados uma grande soma de dinheiro, que é produto da riqueza social.

O governo não evita os crimes, ou atos anti-sociais; o seu prin-

berdade: empunhemos a bandeira de nossos companheiros maiores e continuemos a luta contra a exploração e contra todas as formas de opressão, e assim, no dia de amanhã, teremos força moral para reclamar da juventude futura este mesmo esforço que hoje nos reclamam os jovens de ontem.

F. ORTEGA

cipal cuidado é reprimir os atentados contra as instituições econômicas e políticas de que ele é a expressão e distribuir a justiça segundo a classe social, a categoria, a riqueza dos delinquentes, mesmo nos atos verdadeiramente anti-sociais.

Os crimes são quase totalmente o resultado da atual organização da sociedade e desapareceriam com a causa que os gera. Para resolver os conflitos pessoais, curar os poucos doentes de mente que restassem numa sociedade livre e igualitária, bastaria a intervenção dos amigos, de árbitros livremente escolhidos, de associações de competentes voluntários, sem necessidade de criar um pesado mecanismo repressivo, interessado na manutenção do crime para justificar a sua existência, e de prisões, que são as "universidades do crime". Quem nelas entra sai ainda mais criminoso e não tarda a voltar para lá (as estatísticas o provam), tanto mais que todos o repelem e não encontra mais possibilidades para viver honestamente.

Urge, pois, realizar: "a abolição da propriedade particular da terra, matérias primas e instrumentos de trabalho, que passarão a ser de todos, para que ninguém tenha medo de viver desfrutando o trabalho de outrem, e para que todos, tendo seguros os meios de produção e de vida, sejam verdadeiramente independentes e possam associar-se livremente entre si, tendo em vista o interesse comum e em conformidade com as suas simpatias; a abolição do governo e de qualquer poder que faça leis e as imponha aos outros pela violência; a organização da vida social por meio de livres associações e federações de produtores e de consumidores, feitas e modificadas segundo a vontade dos componentes, guiadas pela ciência e pela experiência e livres de qualquer imposição que não provenha das necessidades naturais a que cada um, vencido pelo sentimento mesmo da necessidade inelutável, voluntariamente se submete". (Malatesta).

Se fôsse abolida a propriedade particular e ficasse um governo, este concederia privilégios para formar um partido seu e assim faria ressurgir a burguesia ou uma burocracia rica e poderosa — (está neste caso o bolchevismo russo); se fosse abolido só o governo, em breve o capitalismo faria nascer outro, qualquer que fôsse o nome, para lhe garantir os privilégios.

Somos por isso ao mesmo tempo socialistas e anarquistas.

Primavera Rebelde

Em matéria sindical vale a pena lembrar a primavera passada, particularmente o mês de Novembro, tão pródigo em reivindicações salariais que chegou a extravasar os limites comuns da esfera industrial e comercial para fixar-se nos altos domínios da presidência da República. Não foi a costumeira onda de greves o que se verificou, mas um verdadeiro oceano de paralizações profissionais que chegou a provocar espantos e tremeliques nos fleumáticos e displicentes donos desta prodigiosa e desventurada terra.

A avalanche foi de tal monta que pôs em polvorosa o gigante de argila: o Estado. Presidente e ministros, deputados e senadores, alto comando do Exército e alto mando da polícia, andaram todos em malucas correrias para pôr em vigor, de um momento para outro, o celeberrimo estado de sítio, velha e truculenta garantia do Estado que nos traz à mente o fatídico governo de Artur Bernardes e Washington Luis, que usaram e abusaram dele colhendo, por consequência, desastrosos resultados. Até os pantagruélicos chefões da fracassada C. M. T. C., juntamente com o prefeito, tinham tudo preparado para encaminhar ao presidente da República o pedido do sempre célebre estado de sítio, para dar um severo corretivo aos endiabrados motorneiros e condutores que tiveram a ousadia de reclamar os seus salários já vencidos. E como sempre acontece em tais ocasiões, não faltaram as sempiternas ameaças de repressão violenta, as pérfidas incitações ao Exército preparando-lhe o ânimo para arremeter com ódio contra os seus irmãos de infortúnio e o vozerio esganiçado e já muito desmoralizado dos que somente enxergam agitadores profissionais nas limpas e sadias reivindicações proletárias. Essa morbidez política de acentuado gôsto reacionário que domina totalmente a formação moral de todos esses chefes, chefões, chefetes, mandões, capatazes, capangas e caduqueiros que pululam em todos os rangos da atividade nacional, não é mais do que resquícios patológicos que a heridonda escravidão deixou vinculados no âmago desses infelizes salvadores da pátria. Acham, esses senhores, que os trabalhadores não têm o direito de plantar os pés com energia, encher bem os pulmões e bradar o preço de sua mercadoria que são os braços. Se o fizerem, deixando de lado por um momento ao menos, aquela mansuetude irritante que tanto agrada aos que vivem do suor alheio, passam a ser chamados de agitadores e, portanto dignos do porrete policial.

No decorrer desse retumbante de exuberância proletária que, como já dissemos, perturbou o apetite e a tranquilidade dos altos dignatários do País, não faltaram facetas pitorescas e engraçadas. A nota sobremodo estranha foi dada por soldados e

(Cont. na pag. seguinte)

O LIBERTÁRIO

Porta-voz do movimento anarquista brasileiro

Diretor responsável: PEDRO CATALLO

Redação e administração: R. RUBINO DE OLIVEIRA 85, 1.º Caixa Postal 5739 - São Paulo

Assinatura anual: Cr\$ 100
Número avulso: Cr\$ 5

1.º DE MAIO – Data que lembra um dos mais hediondos crimes sociais da história. É, portanto, um dia de protesto e de reivindicações. Festejá-lo é, pois, uma torpe e revoltante mistificação.

Há 84 anos que o movimento anarquista mundial recorda aos trabalhadores que o 1º de Maio não é um dia de festa. Não pode ser festiva uma data que o proletariado tem o dever de recordar com rebeldia e protesto, porque na consciência de todos desperta, no dia 1º de Maio, a imagem de cinco forças assassinas e os corpos dos mártires de Chicago balançando sem vida, vítimas das infâmias do capitalismo.

Só os grandes idealistas, aqueles que, animados pelo fulgor sublime de uma idéia de justiça social olham para o porvir com o sentimento de liberdade, sabem morrer como morreram Albert Parsons, Jorge Engel, Adolf Fischer, Luiz Lingg e Albert Spies, símbolos de uma história dramática de reivindicações e conquistas que teve como epílogo a pena de morte.

Recordar as suas últimas palavras, muitas vezes repetidas na imprensa anarquista, fortalece as nossas convicções em prosseguir na luta por um mundo melhor para uma humanidade mais livre e feliz. Eram tão grandes e sublimes as suas convicções de militantes anarquistas, que as irradiavam aos seus familiares ao ponto de fazerem dizer à mãe de Lingg, em uma carta, depois do processo que os condenara à morte, estando inocentes, as seguintes palavras: “Depois de tua morte estarei tão orgulhosa de ti como o estive durante a tua vida. Declaro que, se eu fôsse homem, teria feito o mesmo que tu”.

Nessa firmeza de caráter não ficaram atrás a esposa de Pearsons, que afirmava: — “Se de mim depende que Albert peça perdão, que o enforcuem!” — Nem Nigia Von Zundt, aristocrata americana que se enamorou de Spies no banco dos réus, e assim justificava porque quis ser a viúva de um enforcado: — “Prefiro a censura dessa sociedade imoral, que não pode compreender um verdadeiro amor duplicado pela co-

munhão de idéias e irmanado pela desgraça, a casar-me com um velho vicioso e inválido, possuidor de grandes riquezas, e que mereceria as felicitações dos moralistas”.

Como se pode enxovalhar a memória de quem tão dignamente soube morrer por um ideal, dando ao 1º de Maio um significado de festa?

Antes do aparecimento do sindicalismo de cabresto que foi instituído no Brasil pelo regime getulista, e em outros países pelo fascismo, o proletariado, consciente da verdadeira significação do 1º de Maio, comemorava essa data lembrando os seus mártires e realizando movimentos reivindicadores, muitas vezes suportando a reação policial que a todo custo pretendia impedir os atos de protesto que representavam essas comemorações. Não podendo fazê-lo, não podendo conseguir calar na consciência dos trabalhadores a voz idealista dos mártires de Chicago, a burguesia tratou de desvirtuar-lhe o sentido, adulando as massas trabalhadoras com a chamada “Festa do Trabalho” e organizando passeatas e desfiles comemorativos ao som de farandulas e bandas marciais, enchendo as ruas e praças de bandeirolas festivas.

Essa forma de corrupção das consciências proletárias não pode continuar sem o protesto de todos aqueles que anseiam por um futuro mais digno, de todos os que amam a liberdade.

A data do 1º de Maio, ao contrário da interpretação festiva que lhe dá a burguesia, tem como fundo a sombra das forças assassinas que resultaram dos trágicos acontecimentos de Chicago, e nas quais morreram inocentemente, condenados por um erro judicial, conforme o demonstrou a revisão do processo quatro anos mais tarde, cinco militantes anarquistas, paladinos da liberdade e da justiça social, dos quais nos orgulhamos de ser continuadores.

oficiais da força pública e, pasmem!, por “tiras” da delegacia de roubos que a seu modo e como é do domínio público, fizeram uma grevezinha também. Achamo-la estranha por se tratar, exatamente, de uma corporação especificamente anti-grevista e anti-proletária, cuja missão especial resume-se em garantir os fura-greves e reprimir, com toda a violência marcial que lhe é característica, os comícios proletários e os piquetes de greves. O engraçado, neste caso, reside em que algumas entidades sindicais, por boa política ou como fôr, mandaram moção de solidariedade aos policiais grevistas. Oxolá que esses donos de sindicatos não venham a se arrepender um dia de tanta prodigalidade sindical.

Porém, a nota altamente bizarra nesta primavera rebelde pertence, indiscutivelmente, aos índios caíçara da ilha de Bananal que, revoltados com o fato de os brancos receberem maior salário, fizeram êles também uma greve reclamando igualdade de soldo.

E, assim, a primavera que sempre foi a estação das flôres, passou a sê-lo também, das greves.

Salve primavera rebelde de 1960!

Pedro Catallo

Com a troca de políticos que dirigem a coisa pública, vieram à tona todos os processos usados para a criação de algumas centenas de novos milionários, todos bons defensores do Estado: contrabandos, negociatas, peculatos, desvios, legislações em causa própria etc.; em síntese: roubos de toda ordem. Mas... ninguém foi prêsso até agora, nem será, pois isso não fica bem entre irmãos.

O presidente que se foi, prometera fazer em cinco anos o que poderia ser feito em cinqüenta, e fêz: criou dívidas para mais de meio século...

O que entrou, sem a chance de contrair mais dívidas (que ninguém empresta a tão longo prazo), propõe-se, embora não o declare, desfazer agora em cinco anos o que poderia ser desfeito em cem...

Os trabalhadores, que suam para pagar todas essas inovações “geniais”, terão de suar em dôbro e passar a viver de brisa, com os condimentos complementares (gases lacrimogêneos e cacetetes policiais)...